

AS SUBJETIVIDADES DOS ESTUDANTES NA ERA DA INTERNET

THE STUDENTS' SUBJECTIVITY ON INTERNET'S AGE

*LAS SUBJETIVIDADES DE LOS ESTUDIANTES
EN LA ERA DEL INTERNET*

MIRIAN HASEGAWA^I
ANA MERCÊS BAHIA BOCK^{II}

RESUMO Com o objetivo de estudar como as tecnologias de informação e comunicação (TIC) afetam os modos de ser, pensar e viver dos jovens, foi realizada uma pesquisa a respeito da relação dos estudantes com a internet, analisando os sentidos constituídos por duas jovens de diferentes classes sociais na interação com a *web*. Considerou-se a desigualdade social como uma determinante que marca essas interações, pois partimos do pressuposto de que para entender a relação do homem com a tecnologia é preciso estudar essa relação dentro do contexto econômico, social e cultural em que esse sujeito está inserido. A partir da análise feita, percebeu-se que a desigualdade social influencia a diversidade que se alcança com o uso das TIC, mas, ao mesmo tempo, observaram-se muitas semelhanças dos sentidos e das contradições da internet para as duas jovens, como a incorporação orgânica da internet à vida social e escolar; a possibilidade de falarem de si com menos inibição e, por outro lado, o medo da exposição. Concluímos que o acesso às TIC pode ser um fator importante para evitar a ampliação da desigualdade social brasileira e que a escola tem papel importante na forma como as estudantes utilizam a *web*.

PALAVRAS-CHAVE: INTERNET; SUBJETIVIDADE; ESCOLA; ADOLESCÊNCIA; DESIGUALDADE SOCIAL.

ABSTRACT Aiming to study the interaction between technology and subjectivity, we researched the relationship of young people with Internet by analyzing the meanings constructed by two students from different social classes through their Internet use. Assuming that in order to understand human beings' relationship with technology we need to analyze this relationship within their socio-economic and cultural context, social inequality was

^I Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP), São Paulo/SP - Brasil

^{II} Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP), São Paulo/SP - Brasil

considered as a determining factor in influencing these interactions. Based on the study analysis, we verified that social inequality defined the diversity of ICT' uses achieved by these students but still the students' interviews pointed to similar meanings and contradictions experienced through Internet use, such as the possibility of letting off their feelings and the fear of exposure. Therefore, we conclude that Internet access is an important condition to avoid increasing social inequality in Brazil.

KEYWORDS: INTERNET; SUBJECTIVITY; SCHOOL; YOUTH; SOCIAL INEQUALITY.

RESUMEN Con el objetivo de estudiar cómo es la interacción tecnología/subjetividad, realizamos investigación sobre la relación de los jóvenes con el Internet, mediante el análisis de los sentidos construidos por dos estudiantes de diferentes clases sociales a través de la interacción con la Red. La desigualdad social fue considerada como un factor determinante en esta relación, puesto que se supone que para entender la relación del ser humano con la tecnología es necesario el estudio de esta relación en el contexto económico, social y cultural en que se inserta. A partir del análisis, se llegó a conclusión de que la desigualdad social delimita notablemente la diversidad que se puede lograr con el uso de las TIC. Sin embargo, había muchas similitudes de sentidos y contradicciones que las estudiantes experimentan en el uso de la Internet, como por ejemplo, la posibilidad de hablar de si desentendadamente y el miedo a la exposición. Con esta investigación, llegamos a la conclusión de que Internet es una condición importante para prevenir la expansión de la desigualdad social en Brasil.

PALABRAS CLAVE: INTERNET; SUBJETIVIDAD; ESCUELA; JUVENTUD; DESIGUALDAD SOCIAL.

INTRODUÇÃO

Muitos estudos têm sido realizados a respeito das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), e como elas afetam a sociedade e as estruturas sociais. Na atualidade, é muito difícil entender a dinâmica e o funcionamento da sociedade sem considerar essas tecnologias, especialmente a internet.

Segundo Castells (1999), a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas. Na mesma linha, Pierre Lévy argumenta que “não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelo homem, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal” (LÉVY, 1999, p. 21). Nesse sentido, pode-se dizer que a sociedade e a tecnologia vão se constituindo mutuamente, uma afetando a outra de forma muito imbricada, num processo histórico.

Com base na abordagem da psicologia sócio-histórica (BOCK, 2004, 2007; GONÇALVES e BOCK, 2003), entende-se a criação das tecnologias como um processo histórico e social, no qual a sociedade influencia os rumos do desenvolvimento tecnológico e, ao mesmo tempo, a tecnologia afeta a vida das pessoas, numa relação dialética em que um é parte constitutiva do outro. E, de fato, seria muito difícil compreender a sociedade sem

considerar a tecnologia, que permeia todo o tecido social e, do mesmo modo, seria difícil compreender o desenvolvimento tecnológico sem considerar a sociedade onde esse processo se insere.

Assim, na perspectiva sócio-histórica, estudar os impactos da tecnologia na vida das pessoas significa entender esse movimento histórico de constituição do social numa relação dialética com as suas ferramentas tecnológicas. Pois, nessa abordagem:

...falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a História, sendo, ao mesmo tempo, único, singular e histórico. Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela – em todas as suas expressões – a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 224).

Com essa visão, pode-se entender que as ferramentas tecnológicas são parte constitutiva do homem, portanto, nas suas formas de ser, pensar e viver, esse homem expressa também as tecnologias que faziam e fazem parte do seu mundo, assim como essas tecnologias contêm o avanço e as aptidões conquistadas pela humanidade. Partindo dessa ideia, o presente estudo pretende aprofundar-se na relação entre TIC e subjetividade.

Com o intuito de estudar de perto como se dá essa interação tecnologia/subjetividade, realizamos uma pesquisa acerca da relação dos jovens com a internet, analisando os sentidos constituídos por duas estudantes na e pela interação com a *web*. Considerando a importância da presença em nossa sociedade da desigualdade social, nós a trouxemos para a presente pesquisa como uma determinação que marca essas interações. Isso porque partimos do pressuposto de que para entender a relação do homem com a tecnologia é preciso estudar essa relação dentro do contexto econômico, social, cultural em que esse sujeito está inserido. Pois não se trata de um homem genérico, mas de um sujeito real, que tem suas possibilidades e impossibilidades delimitadas pelo meio em que vive, como explica Bock (2007):

Na visão sócio-histórica, utilizada como referência, o Homem é visto como um ser histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento e ao longo do tempo, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade. Um ser que tem características forjadas pelo tempo, pela sociedade e pelas relações, imerso nas relações e na cultura das quais retira suas possibilidades de ser e suas impossibilidades (p. 67).

No presente trabalho, baseado em Aguiar e Ozella (2006), entende-se os significados como os conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades. Já os sentidos são fluidos e instáveis e têm, na sua constituição, múltiplas procedências, nunca estando ligados a uma atividade isolada, sendo sempre uma unidade integradora de experiências, emoções e atividades. “O sentido expressa a forma singular e psicológica pela qual se manifesta uma história social, com as sutilezas e desdobramentos que essa situação vai tendo dentro da história única de produção de sentidos que caracteriza uma pessoa ou grupo social”

(GONZÁLEZ REY, 2004, p. 57). Embora sejam diferentes, acredita-se que os sentidos e significados não possam ser compreendidos descolados um do outro, pois um não é sem o outro e são muito imbricados.

Em nossa visão, o estudo dos aspectos subjetivos da relação internet/sociedade poderá iluminar as significações¹ que a mesma tem tanto para os sujeitos quanto para a coletividade. E não só isso, poderá dar pistas também de que forma a sociedade influencia os rumos do desenvolvimento tecnológico. Pois, como explicam Gonçalves e Bock (2003), a partir da compreensão de que subjetividade e objetividade relacionam-se dialeticamente, entende-se que o sujeito constrói a realidade e que esta possui uma dimensão subjetiva que a constitui.

A dimensão subjetiva da realidade estabelece a síntese entre as condições materiais e a interpretação subjetiva dada a elas. Ou seja, representa a expressão de experiências subjetivas em um determinado campo material, em um processo em que tanto o polo subjetivo como o objetivo transformam-se (GONÇALVES; BOCK, 2003, p. 143).

As perguntas que orientam a pesquisa, no intuito de darmos visibilidade à dimensão subjetiva que acompanha o uso da internet, são: O que a internet representa na vida dos adolescentes? Quais os seus principais usos? De que formas a internet afeta os seus modos de ser e de viver? Existem diferenças no uso e nas significações da internet para adolescentes de classe baixa e de classe alta? Ou seja, como a desigualdade social marca a relação com a tecnologia?

Consideramos a desigualdade social um aspecto muito importante no contexto brasileiro, pois a nossa sociedade está marcada de forma aguda por ela. Uma desigualdade econômica, de acesso a bens e serviços da sociedade, traduzida na sua concretude como miséria econômica, mas também como uma miséria emocional, existencial e política (SOUZA, 2006).

A Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD),² realizada pelo IBGE, mostra um retrato da desigualdade socioeconômica no país, e o índice de Gini³ tem sido uma das maneiras de observá-la. Em 2011, esse índice ficou em 0,508. Verificou-se pela PNAD 2011 que há uma brutal diferença na concentração de renda nas mãos das camadas com os rendimentos mais elevados e mais baixos da população: os 10% da população ocupada com os rendimentos mais elevados concentraram 41,5% do total de rendimentos de trabalho, enquanto os 10% com os rendimentos mais baixos detiveram 1,4% do total das remunerações.

¹ Entendemos, neste trabalho, as significações como o conjunto dos sentidos e significados.

² Disponível para consulta em www.ibge.gov.br

³ Gini é um índice que mede o grau de concentração na distribuição de renda. Ele consiste em um número entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade de renda (onde todos têm a mesma renda) e 1 corresponde à completa desigualdade (onde uma pessoa tem toda a renda, e as demais nada têm). Assim, quanto menor o índice de Gini, tanto menor a desigualdade na distribuição de renda no país.

Muitos autores têm estudado os efeitos da internet sobre a vida, os modos de ser e de se relacionar na sociedade contemporânea. Mas acreditamos que a maneira como esses efeitos ocorrem depende também da condição socioeconômica dos sujeitos afetados. A seguir, faremos uma breve revisão acerca do que as pesquisas têm encontrado a respeito da exclusão digital e da relação internet/subjetividade para embasar e orientar a nossa pesquisa sobre as significações da internet para os jovens.

INTERNET, DESIGUALDADE E EXCLUSÃO DIGITAL

Diversos autores têm abordado o tema da exclusão digital nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento (CASTELLS, 1999, 2003; WARSCHAUER, 2006; SORJ e GUEDES, 2005; SILVEIRA, 2001) e sustentam que, na sociedade atual, a superação da exclusão social passa necessariamente pela inclusão digital.

Castells aponta a internet como fonte de desigualdade e explica que a centralidade da internet em muitas áreas da atividade social, econômica e política equivale à marginalidade para aqueles que não têm acesso a ela, ou têm apenas um acesso limitado, bem como para os que são incapazes de usá-la eficazmente. “A diferenciação entre os que têm e os que não têm internet acrescenta uma divisão essencial às fontes já existentes de desigualdades e exclusão social, numa interação complexa que parece aumentar a disparidade entre a promessa da Era da Informação e sua sombria realidade para muitos em todo o mundo” (CASTELLS, 2003, p. 203).

Warschauer (2006) ressalta que é essencial fazer parte da rede conectada à internet não apenas por motivos econômicos, mas para quase todos os aspectos da vida cotidiana, incluindo educação, participação política, assuntos comunitários, produção cultural, entretenimento e interação pessoal.

Certas pessoas podem dizer que a TIC é um luxo para os pobres, principalmente no mundo em desenvolvimento. No entanto, devido ao acelerado crescimento da internet como meio de transação tanto econômico como social, ela está, de fato, tornando-se a eletricidade da era informacional, isto é, um meio essencial, que apoia outras formas de produção, participação e desenvolvimento social. Seja nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, nas áreas urbanas ou rurais, para objetivos econômicos ou sociopolíticos, o acesso à TIC constitui uma condição chave e necessária para a superação da exclusão social na sociedade da informação (WARSCHAUER, 2006, p. 53).

Na mesma direção, Silveira (2001) argumenta que a maioria da população, ao ser privada do acesso à comunicação por meio das TIC, está simplesmente sendo impedida de se comunicar no meio mais flexível, completo e extensivo.

Se a internet pode influenciar tantos aspectos da vida das pessoas, então a falta desse acesso empobrece fortemente as possibilidades de atuar no mundo e de participar ativamente da sociedade em que o sujeito está inserido. Para termos uma ideia de quantas pessoas estão excluídas desse mundo digital no Brasil, apresentamos alguns dados do Centro de

Estudos das Tecnologias de Informação e Comunicação (CETIC),⁴ segundo os quais 45% dos brasileiros nunca acessaram a internet (em fevereiro de 2013), e 60% dos domicílios do país não têm acesso à internet. Além disso, deve-se considerar que dos 55% que já acessaram, nem todos dominam realmente as competências para fazer um uso socialmente significativo da internet. Na população urbana, 39% nunca acessaram a internet, e na população rural a exclusão é ainda mais crítica, pois 77% não tiveram tal acesso. Entre a população jovem (de 16 anos a 24 anos de idade), apenas 16% das pessoas nunca acessaram a internet, o que mostra que essa geração realmente é mais conectada, seja porque demonstra maior interesse e facilidade em buscar formas de acesso ou simplesmente porque muitas escolas fornecem um contato, ainda que limitado, com essas tecnologias.

“O desafio político global não é superar a exclusão digital, mas expandir o acesso e o uso da TIC para promover a inclusão social” (WARSCHAUER, 2006, p. 282). E para que tal inclusão seja possível, é necessário não só dar equipamentos, mas fornecer conexão de alta velocidade, habilidades e entendimento que possibilitem ao sujeito utilizar o computador e a internet de modo socialmente válido.

INTERNET E SUBJETIVIDADE

A internet, a rigor, é uma ferramenta que já indica a transformação da humanidade e seus modos de vida. Ela contém as mudanças que historicamente vão se processando e vão tornando possível o seu surgimento, sua instalação e reconhecimento.

Apesar dessa presença histórica, não tem sido tarefa fácil apontarmos os elementos subjetivos que caracterizam esta realidade: a dimensão subjetiva do uso das TIC, especialmente porque:

...as Tecnologias da Informação e da Comunicação se entrelaçam de forma tão inextricável com as práticas subjetivas contemporâneas que embaralham as fronteiras entre subjetividade e tecnologia, que na modernidade pareciam estar bem definidas. As TIC permeiam as esferas sociais, políticas, econômicas, artísticas, profissionais e de consumo, e reconfiguram os limites entre local e global, presença e ausência, produção e consumo, individual e coletivo. Hoje, praticamente não é possível pensar modos de ser e de viver sem se referir à articulação com a tecnologia (RÉGIS, 2009, p. 7).

Assim, entender as significações das TIC, especialmente entre os jovens que já nasceram na era da internet, ajuda-nos a compreender melhor quem é e como se constitui o homem da atualidade.

O contato direto com as características da internet – sua organização em rede, seus hipertextos e links, sua comunicação predominantemente escrita, sua agilidade, seu imediatismo, seus excessos, suas possibilidades de integração de coisas dispersas, o acesso a mundos diversos que ela possibilita, as interações anônimas que faculta – tem efeitos que

⁴ Acessado em www.cetic.gov.br em 10 de fevereiro de 2014.

transpõem os limites do virtual e penetram a realidade off-line (NICOLACI-DA-COSTA, 2005). Esse contato e essa transposição geram um perfil de sujeito que parece característico do século XXI.

Entre as características do sujeito desse começo de milênio citadas por Nicolaci-da-Costa (2005), destacam-se: um sujeito que sente prazer em praticamente tudo o que faz on-line; que está disposto a experimentar novas formas de ser; que é multitarefa e ágil; habita vários espaços virtuais (muitas vezes simultaneamente), por meio dos quais ganha acesso a diferentes realidades (culturais, imaginárias, sociais etc.); que pode construir diferentes narrativas (verídicas ou não, sinceras ou não, anônimas ou não) a respeito de si mesmo; que ganha conhecimento de si mesmo e sua singularidade, à medida em que escreve sobre si e tem retorno dessa escrita.

Nessa mesma direção, em estudo realizado por Passarelli, Guzzi, Dimantas e Kiyomura (2009), vários aspectos de usuários da internet em telecentros foram identificados.

Entre os usuários de programas de inclusão digital, jovens e adultos, da capital e do interior do Estado de São Paulo, o acesso à Internet é um espaço de vivências e de relacionamentos, para múltiplas experiências, através da conquista de uma nova dimensão de mundo... Os jovens... verbalizam um impulso à ampliação de horizontes, a novos patamares de conhecimento e de ambição frente ao futuro (PASSARELLI et al., 2009, p. 66).

Mas o estudo citado também coloca que, apesar das referências ampliadas, relativas ao estar num mundo globalizado e com informação abundante, as redes sociais (orkut, facebook, MSN etc.) são o alvo do acesso. Daí se constata que o ambiente digital vem como viabilizador ou potencializador de contatos. Um ponto interessante em relação aos mais jovens é a reivindicação do espaço escolar como um espaço que a internet necessariamente deveria ocupar e ser usufruído pela comunidade.

Em outra pesquisa, realizada por Aun e Câmara (2005), numa comunidade rural de Minas Gerais, identificou-se que as principais demandas apresentadas pela comunidade no uso do telecentro local relacionam-se a: pesquisa escolar, uso de correio eletrônico, informações sobre artesanato e receitas culinárias. Tal resultado mostra que o uso da internet está em grande parte relacionado às demandas do estilo de vida dos usuários.

Num estudo sobre a “geração digital”, realizado por Filho e Lemos (2008), coloca-se que os novos hábitos de consumo e as novas práticas de sociabilidade e comunicação da juventude são descritos na mídia, frequentemente, como modelos ideais de conduta. Os autores argumentam que a imprensa tende a celebrar a aptidão extraordinária dos “cyberkids” perante as máquinas e a festejar as mudanças desencadeadas nos processos cognitivos, sem questionar a favor de que serão utilizados tais saberes e expertises – excetuando-se a inserção na disputa pelo competitivo mercado de trabalho (FILHO; LEMOS, 2008). Esses autores alertam que a sociedade não tem adotado uma visão questionadora e crítica dos efeitos da internet sobre os jovens, ao contrário, tem, passivamente, aceito a propaganda otimista da mídia, que serve aos interesses das grandes empresas de tecnologia.

Abordando a questão dos relacionamentos, Guimarães (2009) explica que elementos ligados à socialização primária redimensionam-se a cada dia, nem sempre de forma positiva no que tange à necessidade humana de convivência. Tudo é virtualizado, de modo a fornecer uma ilusão de relações interpessoais nas comunidades virtuais. Trata-se de um adiamento infinito da presença física, e até mesmo os adultos acabam se rendendo.

Antes, visitávamos os amigos, depois, passamos a falar ao telefone, hoje, trocamos *e-mails*, por ser mais rápido e prático. A ilusão da imediaticidade está no cerne do que significa ser atual mas, na verdade, leva a uma abdicação da experiência do próprio presente: tudo é transitório e fugaz, principalmente nas grandes cidades do século XXI (GUIMARÃES, 2009, p. 40).

Por outro lado, Nicolaci-da-Costa (2005) levanta outros pontos sobre os relacionamentos nessa sociedade da informação. Suas pesquisas apontam novas possibilidades para relacionamentos antigos (possibilidades essas que incrementam a proximidade psicológica em relacionamentos geograficamente distantes); mostram como os chats estão subvertendo a forma de se travar contato com pessoas (conhece-se primeiro o que as pessoas dizem ser para depois conhecer suas características físicas); revelam que a escrita dos bate-papos e de outras formas de programas interativos está se tornando uma nova e importante fonte de autoconhecimento e de autoajuda; e deixam claro o quanto podem ser íntimos e duradouros os relacionamentos virtuais que subvertem os procedimentos tradicionais de construção da intimidade e de possíveis parcerias de vida.

As ideias expostas mostram que, com a sociedade da informação, emerge uma nova subjetividade, uma nova forma de ser e de se relacionar que, como tudo, apresenta suas contradições, as quais precisam ser mais estudadas e melhor compreendidas.

MÉTODOS

A metodologia da pesquisa baseia-se na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005), a qual apresenta três princípios fundamentais: 1) ênfase no conhecimento como produção construtiva interpretativa: necessidade de dar sentido a expressões do sujeito estudado; 2) significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento: resgate à individualidade/singularidade; e 3) caráter interativo do processo de produção do conhecimento: relações pesquisador/pesquisado (GOMES; GONZÁLEZ REY, 2008).

Para González Rey, a compreensão da subjetividade se apoia na dialética entre o individual e o social. Nessa direção, o individual e o social constituem uma relação complexa, em que a ideia de subjetividade como um fenômeno individual, é superada pelo esforço teórico em reconhecer sua gênese histórico-social.

Ademais, segundo a Epistemologia Qualitativa, os dados são produzidos e não coletados, pois quando produzimos dados teorizamos sobre o empírico. “A significação de cada registro empírico durante o desenvolvimento de um sistema teórico é, necessariamente, um ato de produção teórica, pois é inseparável do sistema teórico” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 7).

Vale enfatizar que o empírico não é uma condição de verificação do conhecimento, ao contrário, é o momento em que a teoria confronta a realidade e busca dar visibilidade ao não visto. Na produção dos dados da presente pesquisa, procurou-se dar visibilidade à dimensão subjetiva que acompanha a utilização da rede mundial de computadores pela juventude em nossa sociedade.

Nesta pesquisa foi utilizada a entrevista com poucos sujeitos na forma de conversação, de modo que o pesquisador pedia ao entrevistado para contar a respeito de suas experiências e sentimentos em relação ao uso da internet, e mantinha uma conversa livre acerca desse tema, buscando estimular o entrevistado a se aprofundar nas vivências e lembranças que podiam revelar os seus sentidos constituídos sobre a influência da web nas suas formas de ser e de viver.

Acreditamos que o indivíduo, apesar de ser único, contém a totalidade social e a expressa nas suas ações, pensamentos e sentimentos. Assim, o processo aprendido (e não as manifestações externas; respostas) a partir de um sujeito pode revelar algo constitutivo de outros sujeitos que vivem em condições semelhantes (AGUIAR, 2007, p. 140).

Para a realização das entrevistas, decidiu-se selecionar dois jovens numa amostra intencional por conveniência seguindo os seguintes critérios: os participantes deveriam cursar o primeiro ou segundo ano do ensino médio, ter 15 anos ou 16 anos de idade, morar com a família, no Estado de São Paulo, ter computador em casa com acesso à internet há mais de dois anos; um jovem deveria morar num bairro de alto índice de exclusão, segundo o Atlas da Exclusão Social no Brasil (CAMPOS et al., 2003), e ser de classe média baixa,⁵ o outro deveria morar num bairro com baixo índice de exclusão (segundo a mesma fonte), e ser de alta classe alta.

A partir dos critérios citados foram escolhidas duas jovens. A adolescente de classe média baixa (Juliana) tem 15 anos de idade, mora no interior de São Paulo num bairro da periferia, estuda numa escola pública estadual no primeiro ano do ensino médio. A adolescente de alta classe alta (Joana) tem 15 anos de idade, cursa o primeiro ano do ensino médio numa escola privada bem conceituada de um bairro de classe alta de São Paulo. Os nomes adotados são fictícios.

As entrevistas foram realizadas na forma de conversação sobre o que a internet significa na vida das adolescentes, como e quando elas a utilizam, quais os seus aspectos positivos e negativos etc. Foram feitas na casa das próprias jovens, com a anuência dos pais, e tiveram a duração aproximada de duas horas e meia cada. Todos os cuidados éticos foram tomados.

⁵ Neste trabalho utilizamos a classificação da Secretaria de Assuntos Estratégicos (2013), disponível em <http://www.sae.gov.br/documentos/publicacoes/relatorio-de-definicao-da-classe-media-no-brasil/>, a qual apresenta a seguinte divisão das classes econômicas: Extremamente pobre, com renda familiar média até R\$ 227,00; Pobres, mas não extremamente pobres, renda até R\$ 648,00; Vulnerável, renda até R\$ 1.030,00; Baixa classe média, renda até R\$ 1.540,00; Média classe média, renda até R\$ 1.925,00; Alta classe média, renda até R\$ 2.813,00; Baixa classe alta, renda até R\$ 4.845,00 e, por último, Alta classe alta, com renda familiar média de R\$ 12.988,00 ou acima desta (valores expressos em R\$ em abril de 2012).

A conversação se caracteriza pelo diálogo livre, sem um roteiro predeterminado, e possibilita o “envolvimento dos participantes no processo de comunicação, facilitando a expressão individual sobre temas que são relevantes para essas pessoas” (MORI; GONZÁLEZ REY, 2011, p. 102). No sistema conversacional, “o pesquisador desloca-se do lugar das perguntas para integrar-se na dinâmica de conversação” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 45).

Como explicam Mori e González Rey (2011), a conversação caracteriza-se pela processualidade da relação pesquisador-sujeito, “apresenta uma aproximação do outro em sua condição de sujeito e persegue sua expressão livre e aberta” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 49), e, de forma gradual, possibilita o envolvimento dos participantes, facilitando o aparecimento de sentidos subjetivos diferenciados no processo.

Para a realização da análise, foram adotados os procedimentos de organização e análise de material propostos por Aguiar e Ozella (2006), autores que adotam a abordagem sócio-histórica. Nessa perspectiva, o procedimento de análise deve ser realizado com o objetivo de apreender os sentidos constitutivos do sujeito. O estudo das articulações dos sentidos e significados nos permite fazer uma análise subjetiva do entrevistado.

A apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente, absolutamente definida, completa, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele. Sabemos o quão difícil é sua apreensão; ele não se revela facilmente, não está na aparência; muitas vezes, o próprio sujeito o desconhece, não se apropria da totalidade de suas vivências, não as articula (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 228).

As entrevistas foram gravadas e transcritas, depois foram realizadas várias leituras flutuantes do material em busca das principais temáticas presentes nas falas, foram então construídas onze categorias temáticas, em seguida reunimos os trechos das falas das duas entrevistadas mais representativas de cada categoria, buscamos então, pelo esforço analítico, aproximarmos-nos dos sentidos constituídos pelas jovens acerca do uso da internet.

RESULTADOS: TEMATICAS ORGANIZADORAS DAS FALAS

O quadro apresenta as categorias temáticas em que foram agrupados os trechos das falas que consideramos mais representativos na busca dos sentidos da internet para as duas entrevistadas.

| CATEGORIAS TEMÁTICAS | Juliana – classe média baixa | Joana – classe alta |
|----------------------|--|---|
| AMIGOS E CONTATOS | <p>“A gente conversa com amigos, combina alguma coisa, se eu não vejo um amigo meu há muito tempo a gente combina de sair”.</p> <p>“Pela Internet a gente sabe quais são os nossos amigos, a gente não combina com pessoas que a gente não conhece”.</p> <p>“(se não tivesse internet) Ia ter menos (amigos) com certeza e você fica menos conhecida, se você tem tantos amigos que você possa fazer coisas e um monte de gente vai te seguir a pessoa vai lá e fala: “Ah, todo mundo conhece a Juliana aqui? Eu conheço pela internet” então a gente faz muita amizade por causa disso”.</p> <p>“(pela internet) mata um pouco a saudade (dos amigos nas férias)”.</p> <p>“Se não fosse pela Internet não teria conhecido o meu ex-namorado e conheci ele pela Internet. É uma amiga minha que falou: E aí Ju você precisa conhecer fulano de tal o menino e tal...”</p> <p>“Ah, eu perdi uma amizade por causa disso (da internet)... Meu melhor amigo, porque ele começou a namorar e a namorada dele não gostava muito de mim.... Aí ela começou a falar mal de mim no Twitter, me xingar de qualquer nome, falava que eu não prestava, que ficava dando em cima dele... aí a gente foi se afastando, afastando agora a gente não se fala mais”.</p> | <p>“... acho que agora tipo eu não consigo me ver sem internet porque sou ligada com um monte de pessoas por internet”.</p> <p>“... a internet é pra você conversar com quem você quer, tipo quem você conhece, enfim, quem conhece”.</p> <p>“Você conversa com ela (amiga) a semana inteira (pela internet), aí tipo se não tivesse a internet a gente se veria muito mais, só que aí seria complicado pros pais ficar levando né, ainda mais que é longe.”</p> <p>“(ficar nas redes sociais com os amigos é o maior uso?) Aham ... Mas eu já to mais cansadinha assim, agora eu só respondo quando eles falam comigo, não sou mais eu que sou assim, eu só fico respondendo só... já to melhor...”</p> <p>“Eu agora eu fiquei uma semana, dez dias, sei lá quanto tempo sem celular e tipo era muito difícil de eu me comunicar com meus amigos, só que aí é mais porque eu tenho preguiça de ligar o computador e aí eu fiquei meio que tipo solitária deles que estão na internet, mas não das pessoas que eu saía...”</p> |
| APARELHAGEM | <p>“(amigos que não têm computador) vai numa Lan House. Vai na casa de um amigo”.</p> <p>“Chegar em casa (da escola) almoçar, lavar a louça, depois já ligo o computador e fico lá.”</p> | <p>“Mas tipo eu fico pelo celular mesmo... aí eu só fico, mexo na internet o dia inteiro...”</p> <p>“Nooossaa, tipo eu chego da escola. Eu não ligo muito pro computador, eu tenho mas eu não ligo, eu só fico mais pelo celular ou pelo Ipad, é que eu fico com muita preguiça de ligar.”</p> <p>“Todos os meus amigos tem celular com internet.”</p> |
| ISOLAMENTO E SOLIDÃO | <p>“(se não tivesse internet) Assim, aproveitar mais, talvez eu ia ler mais livros ou caminharia mais pela cidade, dava mais passeios”.</p> <p>“(para não gerar solidão) ela tem que saber dividir (o tempo entre internet e sair de casa)”.</p> | <p>“Acho que depende pra pessoa, se a pessoa não consegue administrar com o ambiente que ela tá, a pessoa que ela tá, vai gerar solidão pra ela porque ela não vai conseguir ficar mais ao vivo com outras pessoas, mas tipo se a pessoa consegue lidar com isso, não gera solidão... quando eu saio com alguém eu não vou ficar na internet, eu vou ficar com a pessoa, mas eu conheço muita gente que fica na internet tipo o tempo inteiro (no celular)... ao mesmo tempo que você começa a falar com as outras pessoas (pela internet no celular) você começa a deixar a outra pessoa (que está junto) sozinha então tipo, muita pessoa não sabe tomar cuidado com isso... mas tipo comigo não teve esse problema de eu ficar muito tempo presa na internet, só com os meus pais que às vezes eu deixo eles no vácuo.”</p> <p>“Aí eu acho que eu seria mais sociável um pouquinho, mas eu sou bem sociável, tipo eu converso com todo mundo sabe, só que aí às vezes eu começo a gostar mais de internet, de ficar com a internet, mas eu sempre tento socializar assim”.</p> |

| CATEGORIAS TEMÁTICAS | Juliana – classe média baixa | Joana – classe alta |
|----------------------------|--|--|
| FALAR DE SI | “Eu acho que eu seria uma pessoa mais fechada (sem internet). Porque eu me abro assim na Internet, sei lá, o Twitter mesmo é um modo de desabafar, mas acho que quem não tem Internet fica sem ter o que fazer...”; “Uma coisa é chegar na Internet e desabafar outra é chegar no amigo e falar, falar, falar e falar. Pega mal.” | “(me abro mais) acho que pela internet, porque você não ta vendo a cara da pessoa aí você não fica com vergonha de falar...É pela internet, porque não tem muita diferença assim, você conhece a pessoa você é amiga dela, mas aí tipo, você se sente muito mais aberto pela internet acho, não sei, acho que é isso...” |
| CONSUMO | “Aí antes da gente comprar ingresso (para Festa do Peão da cidade) e ver os que vão a gente pesquisa o preço na Internet, o preço do ingressos, para depois a gente já está com o dinheiro na mão e ir no dia e comprar.” | “Para ver coisa de viagem que agora mesmo, tipo a gente tá indo viajar aí a gente tá procurando passagens pela internet.” “...comprar ingressos também, teatro, que a gente vê bastante”. “Quando a gente tá de férias e sabe que vai viajar, meu a gente entra em um monte de site de loja pra ver o que que tem, o que que não tem, tipo pra já ir pesquisando assim, nossa a gente fica o dia inteiro... A gente fica muito tempo nesses sites (de lojas de roupas estrangeiras), muito tempo mesmo... A gente fica tipo, meu olha essa blusa, olha aquela, mas é só isso e tipo é que assim a gente já tem umas determinadas lojas, e aí tipo quando a gente descobre uma a gente fica tipo Nooooooosaaaa... elas (as lojas) são americanas e tinha uma australiana... É assim, tem umas amigas que foram lá pro exterior comprar e, nossa, que blusa legal... e aí elas gostam e tal e aí quando a gente viaja a gente olha assim e nossaaaa que interessante e aí a gente vai achando (as lojas).” |
| OPORTUNIDADES | “Ah eu acho que foi, ia ser uma festa aí todo mundo ia nessa festa e eu sempre quis ir nessa festa e foi a festa da minha vida, que é o Baile do Havai do Nove, aí promoveram a festa pela internet, eu fiquei sabendo daí eu fui lá vi a página no Facebook daí eu coloquei lá daí eu consegui ir na festa (ganhou o sorteio do ingresso).” | “Eu acho que oferece uma oportunidade pra quem quer uma oportunidade, pra quem tipo não tá nem aí não vai fazer diferença nenhuma, nem vai ligar pra uma coisa que tá tipo na sua cara, você sempre vai achar o que você quer na internet, mesmo que for emprego, você consegue ter uma noção e tal e essas coisas...” |
| PERIGOS | “Eu já entrei uma vez (em sala de bate papo) que eu queria saber como é que é, eu entrei, tinha um cara que ele era casado chegava queria conversar, que você ligasse o webcam para ele, daí eu falei: um cara assim nem vale a pena entrar.” “É muito perigoso e as pessoas que a gente acaba conhecendo a gente acaba não adicionando porque a gente fica com medo de falarem coisas absurdas”. | “(na escola) a gente escolhia um tema pra falar e tipo já surgiram varias vezes sobre internet, sempre falavam isso, tipo, é perigoso, tem que tomar cuidado com o que posta... Eu acho que a gente ta muito conscientizada com isso, mas eles avisam”. “Não dá pra entender, ela posta foto de biquíni assim e elas postam foto toda assim se achando gostosona! Meu, não dá pra entender cara!... Porque é muito estranho meu, tipo as pessoas que eu convivo não fazem isso...” |
| MUNDO VIRTUAL E MUNDO REAL | “As pessoas colocam na Internet aquilo que é politicamente correto que nem, eu amo os animais, vamos salvar o planeta”. “No Facebook tudo é lindo e maravilhoso, todo mundo gosta de animais, todo mundo é contra a pobreza e na vida real já é diferente, as pessoas têm até medo de falar o que realmente pensam e serem criticadas, eu acho que são poucas as pessoas que falam o que realmente pensam no Facebook e no Twitter... É um mundo maravilhoso no Facebook que todo mundo é bom, todo mundo gosta de coisas, todo mundo é feliz. Mas na realidade na vida real ninguém é... Cara a cara ninguém fala. Tem aquela menina que eu comentei, ela até comentou que ia bater em mim, ela mora no mesmo bairro que eu, mas quando ela passa por mim ela até abaixa a cabeça, ela não me olha na cara, então pela internet é corajoso, na vida não é bem assim, são poucas pessoas que têm coragem de falar na sua cara o que realmente pensam.” “Mas tem gente que é a mesma coisa na internet e na vida real.” | |

| CATEGORIAS TEMÁTICAS | Juliana – classe média baixa | Joana – classe alta |
|----------------------|---|---|
| ESCOLA | <p>“Quando eles (professores) pedem pra gente fazer pesquisa é pela internet, eles falam vocês fazem pela Internet aí a gente vai lá e pesquisa... Manda pesquisar na Internet e escrever a mão”.</p> | <p>“... mas leva tudo zero porque assim eles (professores) pelo menos uma professora ela tipo, meu, ela tem um software lá que você bota a frase que ela acha que é suspeita e aí tipo fala o site que você pegou e aí ela faz isso com todo mundo todo mundo, aí todo mundo leva zero, menos eu ... Na verdade a gente fez um trabalho muito grande esse ano né que tipo valeu nota para todas as matérias e assim se você não colocasse até a foto que assim você pegou por trás, se você não colocasse a fonte você já perdia meu uns três pontos por causa daquilo, porque aí tipo pesa muito essa coisa de tipo: não copie da internet, se você copia você fala porque direitos autorais, aí é sempre assim”.</p> <p>“Nossa, procurar no livro nunca! A gente só digita lá no Google, nossa muito difícil procurar no livro, serio. Só teve um esse ano que eu fiz pelo livro, mas o resto é tudo internet, começa a procurar e pronto!... Tipo, é só você dar uma olhada e comparar com outro site assim, vê se bate as informações e também ver se o seu professor já falou, e aí você vai fazendo assim”.</p> |
| PESQUISAS | <p>“Depende se eu ficar muito curiosa para ver alguma coisa vou lá e pesquiso, se tiver algum fato assim, alguma coisa que eu vi na televisão que fiquei chocada eu vou lá para ver o que aconteceu na verdade... Também tudo o que acontece a gente nem precisa assistir novela, é só entrar no Twitter que você sabe toda a novela.”</p> <p>“Eu, quando tem alguma coisa de saúde eu converso com médico porque Internet mente muito também... (internet) não é recomendável não para coisa séria não.”</p> <p>“A gente tem um mundo maior pela Internet, a gente tem uma noção do mundo como que é, o que está acontecendo”.</p> | <p>“... eu já pesquisei sobre isso, profissões na internet e aí a gente tem muito mais acessos as coisas... E aí tipo meu se você quiser isso é só você botar lá no Google e procura assim “Emprego” e meu você vai achar alguma coisa e tipo tem sempre gente anunciando as coisas na internet, é só você ir atrás de coisa confiável ou não, mas tem coisa, acho, que preste”.</p> <p>“Porque eu pesquiso quando preciso pesquisar sabe né, eu não pesquiso por vontade... Não pesquiso, só o negócio da viagem que to vendo porque eu quero viajar”.</p> <p>“Agora que a gente ta pesquisando o bagulho do vôlei também... Algo que me agrada, o que não me agrada eu não pesquiso.”</p> <p>“Agora eu tô assistindo essa série que eu baixei...”</p> |
| OUTRAS ATIVIDADES | <p>“Chegar em casa (da escola) almoçar, lavar a louça, depois já ligo o computador e fico lá.”</p> <p>“É mais um passa tempo, não tem nada para fazer em casa, já foi feito tudo o que tinha que fazer, já fiz a lição essas coisas então fica lá.”</p> | <p>“É eu fazia patinação, mas aí eu parei faz tipo, dois anos porque meu pai foi demitido e deu mó rolo e eu não queria fazer em São Paulo... aí eu fiz um mês de academia, mas eu achava muito chato e aí eu parei também e agora eu quero fazer vôlei, mas não sei se vai dar... não sei se vai dar tempo de eu fazer porque eu também faço inglês então... Eu não sei se vai dar o horário, se vai bater.”</p> <p>“... eles (pais) perguntam se eu não vou fazer alguma coisa (esporte, ginástica...)”.</p> |

DISCUSSÃO

Para as duas entrevistadas, a internet é considerada prioritariamente uma ferramenta para o lazer. O principal uso é para se comunicar com os amigos, que fazem parte da sua vida real, já que as adolescentes não fazem amizades virtuais com estranhos, apenas com pessoas com alguma indicação de amigos. A utilização da internet, ao contrário do que apontam alguns autores (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, 2005, PASSARELLI et al., 2009), não amplia os contatos e a atuação dessas jovens para além dos limites do seu círculo de contatos (escola, bairro e parentes).

A internet é a grande fonte de lazer para essas jovens, sem ela “a vida seria muito chata” (Juliana). Isso pode ser explicado, em parte, pelo fato de a adolescente pobre não ter outras atividades fora a escola. Depois da escola, Juliana vai para casa, almoça, ajuda na arrumação doméstica e depois assiste televisão ou entra na internet. Essa ausência de outras atividades estimulantes para as crianças e jovens é uma realidade das classes mais baixas, o que torna a internet a única fonte de lazer. A adolescente de classe alta tem a opção de fazer outras atividades, mas, atualmente, faz somente inglês porque ainda não decidiu o que quer fazer e, além disso, o apelo de ficar na internet parece muito grande para ela. Percebe-se que o sentido comum da internet como grande fonte de lazer é um pouco diferente para as duas jovens, porque para uma é a única fonte de lazer, não há opções, já para a outra é uma das formas de lazer, a qual ela tenta, inclusive, reduzir para poder fazer outras atividades, conforme cobram os pais.

As duas jovens dizem estar conscientes dos perigos associados à internet, mas vale notar que os sentidos constituídos sobre esses perigos e os medos citados são diferentes e estão relacionados à classe social da entrevistada. A adolescente de classe mais alta tem medo de se expor na internet com fotos, vídeos, identidade, seguindo o padrão dessa classe de temer ser alvo de bandidos, sequestradores etc. Já a adolescente de classe mais baixa tem medo dos estranhos dizerem coisas impróprias ou assustadoras.

Na categoria aparelhagem, embora não tenhamos questionado a velocidade de conexão, não seria irreal supormos que Joana navega na internet com uma velocidade de conexão bem mais alta que Juliana, o que poderia explicar em parte a maior diversidade de interesses de Joana, que diz baixar séries para assistir na internet enquanto Juliana não cita nada do tipo. Uma hipótese é que a conexão lenta pode ter desestimulado a busca de sites mais pesados, que demorariam para abrir ou nem funcionariam. O modo como as adolescentes usam a internet, o tipo de sites e a diversidade de interesses que elas demonstram, dependem também das possibilidades oferecidas pelas ferramentas que elas possuem, que por sua vez dependem da classe social e da condição financeira das mesmas.

A internet não gera solidão se a pessoa tiver um equilíbrio, afirmam as duas. Por outro lado, elas admitem que se não houvesse internet talvez saíssem mais, visitassem os amigos, andassem mais pela rua. Mas nota-se que o tipo de solidão mencionado pelas entrevistadas também tem sentidos diferentes em decorrência da aparelhagem que elas possuem, pois para Juliana a solidão significa ficar em casa no computador sozinha e isolada, já Joana se refere à solidão acompanhada, dentro ou fora de casa, pois relaciona o isolamento ao fato de a pessoa privilegiar o tempo todo o contato virtual (através do *iphone*) em detrimento do real. Lemos (2004) aponta que o celular é hoje, efetivamente, mais do que uma máquina de contato oral e individual para ser um verdadeiro centro de comunicação, um controle remoto para diversas formas de ação no cotidiano, uma maneira de manter em contato permanente a sua “comunidade individual”. Juliana não tem acesso a esse centro de comunicação móvel. Mas as duas acham que a pessoa precisa ter equilíbrio entre mundo virtual e mundo real para não se isolar, e dizem conseguir ter esse equilíbrio.

O uso da escrita na internet como forma de se abrir e de se conhecer é um dos sentidos da rede para as jovens. Sem internet elas seriam mais fechadas, teriam menos possibilidades de falar de si, seus sentimentos, seus problemas. Por meio da internet, por não estarem num contato face a face, encontram um mundo em que podem falar de sentimentos mais íntimos e no qual têm menos medo de desabafar. Como coloca Nicolaci-da-Costa (2005), uma das características do sujeito desse começo de milênio é que ele ganha conhecimento de si mesmo e sua singularidade na medida em que escreve acerca de si e tem retorno dessa escrita. Indo além, podemos dizer que é um sujeito que se sente muito mais à vontade para se expressar teclando on-line do que pessoalmente.

Na categoria oportunidades, Juliana diz que conseguiu ingresso para uma festa gratuitamente através da internet, que foi “a melhor festa da minha vida”. Esse fato revela a grande fonte de oportunidades que a internet pode significar para uma classe que não tem condições financeiras de participar de eventos culturais. Já para Joana, a internet não tem esse sentido de fonte de oportunidades, ela não busca oportunidades na rede, mas acredita que, para quem quer, existe todo tipo de oportunidades na internet.

Por outro lado, a adolescente de classe mais alta significa a internet como meio de consumo, o que aparece bastante nas suas falas, e muitas de suas pesquisas na rede são relacionadas a itens que ela pretende consumir: viagens, roupas, teatro, esportes. Já nas falas da jovem de classe mais baixa, a internet não aparece com o significado de meio de consumo, o único momento em que ela cita a compra de algum item relacionado à internet é quando diz que olha o preço do ingresso para a Festa do Peão na internet para poder levar o dinheiro certo e comprar na entrada.

A relação internet/escola para as jovens tem o mesmo significado: “trabalho de escola é pela internet”, porém para Joana a realização desse trabalho exige todo um cuidado com direitos autorais, plágio e com uma escrita que seja própria para que os professores não deem zero, uma vez que ela os descreve como muito rigorosos e atentos, ou seja, o trabalho pela internet tem um sentido de dificuldade e rigor. Já para Juliana o trabalho pela internet tem um sentido de maior facilidade, com menor controle do professor, uma vez que a exigência é olhar na internet e escrever à mão. Tais diferenças mostram a desigualdade vivida no ambiente escolar que elas frequentam, a escola particular do bairro rico atenta e rigorosa, e a escola pública do interior fácil e com menores exigências, e essa desigualdade se reflete no uso da internet.

Juliana considera o mundo virtual separado do mundo real, e o primeiro mascara a injustiça e a crueldade do segundo, “pela internet tudo é lindo... todo mundo é contra a pobreza... todo mundo é feliz... mas na vida não é bem assim”. Ela fala de sofrimento, de infelicidade, de hipocrisia e de colegas agressivos. Como colocam Ozella e Aguiar (2008), “os adolescentes das classes D e E... são os únicos que apresentam alguma visão crítica da realidade social, que questionam a sociedade, que a consideram injusta” (p. 118). Já nas falas de Joana não se evidencia nenhuma indicação de agressividade de colegas, de violência, de sofrimento, de diferenças sociais, e não há dicotomia entre mundo real e virtual. Ozella e Aguiar (2008) levantam a hipótese de que “as meninas das classes A e B provavelmente

vivam um cotidiano mais protegido, expondo-se menos aos espaços públicos e assim aos perigos que daí advêm, o que faz com que a violência seja tida como algo distante” (p. 118). Indo além na explicação, esse cotidiano protegido provavelmente também gera uma jovem que não se dá conta da desigualdade social nem do sofrimento daqueles que vivem as injustiças e as dificuldades do mundo real, levando-a a perceber o mundo virtual e o real como iguais e não separados. Joana parece ver a internet de forma mais integrada ao seu mundo do que Juliana, talvez também por estar conectada o tempo todo, via iphone, assim como os seus amigos.

Nicolaci-da-Costa (2005) aponta como característica das novas gerações um sujeito que explora vários espaços virtuais, por meio dos quais ganha acesso a diferentes realidades (culturais, imaginárias, sociais etc.) e que pode construir diferentes narrativas (verídicas ou não, sinceras ou não, anônimas ou não) a respeito de si mesmo. Essa possibilidade de conhecer e explorar outros mundos, de “viajar” on-line, de inventar novas identidades não apareceu como sentido do uso da internet para nenhuma das entrevistadas. Poderíamos dizer que elas fazem um uso mais “conservador” da rede, não explorando a web para além dos seus mundos e das suas identidades “reais”. Tanto a adolescente de classe média baixa quanto a de classe alta dizem se limitar ao uso para contatos com amigos da vida real ou, no máximo, amigos desses amigos, e afirmam não ter outras identidades.

Juliana afirma que “pela internet tem um mundo mais amplo”, mas ao descrever seus usos, não parece explorar essa possibilidade de ampliação. Ela denota ter alguma consciência da diversidade de experiências oferecida pela internet, mas não se sente estimulada a explorar essa diversidade. Talvez por não receber esse estímulo de professores, pais e pessoas que fazem parte do seu ambiente. Além disso, ela demonstra uma grande desconfiança em relação às informações. A busca de informações via web é usada eventualmente, mas não se mostra um grande atrativo da rede, porque “internet mente muito”. Parece que, para essa jovem, o papel da internet como fonte de informações e de conhecimentos não tem grande relevância. Por exemplo, conhecimentos sobre saúde não são buscados na rede porque não confia nas informações encontradas na internet e não acredita que essa ferramenta possa ser usada para pesquisar assuntos sérios, o que restringe ainda mais o uso da web para a jovem.

Joana usa a internet para pesquisas conforme as demandas de sua própria vida, para ver viagens que vai fazer, coisas que quer comprar, esportes que quer praticar. Também não parece significar a internet como uma ferramenta para explorar um mundo maior, para ir além do seu mundo, mas ela demonstra saber como pesquisar e como encontrar fontes confiáveis.

No quadro a seguir, apresentamos uma síntese das significações da internet para as duas adolescentes, que evidencia as semelhanças e diferenças analisadas.

| CATEGORIAS TEMÁTICAS | Juliana/ Classe média-baixa | Joana/ Classe alta |
|-----------------------------------|---|--|
| AMIGOS E CONTATOS | Principal significado, mas só fala com conhecidos. | Principal significado, mas só fala com conhecidos. |
| APARELHAGEM | Computador. Velocidade de conexão pode ser baixa. | Ipad, iphone e computador. |
| ISOLAMENTO E SOLIDÃO | Depende da pessoa, ela diz que sabe equilibrar. Pessoas se isolam porque ficam em casa no computador. | Depende da pessoa, ela diz que sabe equilibrar. Pessoas se isolam porque ficam o tempo todo no iphone e não conversam com quem está ao lado. |
| FALAR DE SI | Se abre mais pela internet. | Se abre mais pela internet. |
| CONSUMO | Quase não aparece. | Segundo significado mais importante: roupas, viagens, teatro, esporte. |
| OPORTUNIDADES | Grande fonte de oportunidades para conseguir acesso ao que está fora do seu poder aquisitivo. | Tem oportunidades para quem quer, mas ela parece não precisar buscar oportunidades. |
| PERIGOS | Medo de estranhos dizerem coisas assustadoras. | Medo da exposição, tem que ter cuidado com fotos e vídeos que postam. |
| MUNDO VIRTUAL E MUNDO REAL | São separados. Mundo virtual mascara a crueldade e injustiça do mundo real. | Não há dicotomia. |
| ESCOLA | Pesquisa na internet e escreve a mão, baixo controle do professor. | Pesquisa mais complexa, alto controle do professor, atenção ao plágio. |
| PESQUISAS | Não tem interesse e desconfia das informações. Internet mente, não serve para coisas sérias. Demonstra poucos interesses mesmo na internet. | Não tem interesse, mas sabe pesquisar, sabe como identificar fontes confiáveis. Pesquisa relacionada com consumo. Gama mais ampla de interesses na internet. |
| OUTRAS ATIVIDADES | Não tem. Internet como única fonte de lazer. | Pode ter, mas internet como maior fonte de lazer. |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada contribuiu para dar visibilidade a alguns aspectos subjetivos da utilização da internet que são de difícil percepção, porque vão além das palavras e dos primeiros significados que aparecem através delas.

A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além das fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global da formação do sujeito) (LEMOS, 2007). Então, a internet permitiria ao indivíduo ir além do seu território, da sua comunidade, e conhecer novas fronteiras (ainda que não consiga ultrapassá-las socialmente), novos horizontes e novas possibilidades de ser e de estar no mundo. Nesse caso estudado, parece-nos, pela fala das jovens, que elas não vão além do seu território. Cabe perguntar por quê.

Pode-se dizer que a internet é do tamanho do mundo de cada jovem, pois a tecnologia é utilizada dentro do contexto em que elas estão inseridas. Aquela que tem mais possibilidades de explorar o mundo faz um uso mais amplo da internet, já aquela que tem menor possibilidade de explorar o mundo parece fazer um uso mais restrito. Isto porque, como explicam Ozella e Aguiar (2008), “(os adolescentes) ao falarem das suas atividades, medos,

desejos, ansiedades, perspectivas de futuro, revelam o quanto as condições objetivas são constitutivas, o quanto geram outras formas de ser adolescente, com outras significações portanto” (p. 121). Assim, as duas jovens usam e significam a internet dentro das condições objetivas que lhes são dadas.

Como coloca Warschauer (2006), a inclusão social da população pobre passa necessariamente pela inclusão digital, entendida não somente como o acesso aos equipamentos e à internet, mas principalmente como a capacitação para a utilização das TIC de forma socialmente válida. E essa forma socialmente válida, que seria capaz de reduzir a desigualdade social que separa ricos e pobres, vai muito além de aprender a mexer no computador e na internet. Não basta ter o computador, saber entrar no Google e nos sites para poder fazer um uso que aumente a participação social, cultural, política e econômica do sujeito. É preciso ter conhecimentos muito mais amplos de como a internet pode ser um meio de inserção social e, além disso, principalmente no caso de adolescentes, é preciso despertar seu interesse para outros usos possíveis da internet, além das redes sociais.

Nesse sentido, a escola e os professores teriam um papel importante a cumprir – tanto nas classes mais baixas quanto nas mais altas – ensinando e incentivando os alunos a pesquisarem e identificarem fontes confiáveis de conhecimentos, a visitarem cidades, museus, a assistirem filmes e documentários disponíveis, enfim, a ampliarem seus interesses, sua visão de mundo, sua cultura e suas possibilidades de atuação no mundo.

O uso da internet, uma vez que não é um conhecimento transmitido formalmente, mas muito mais experimental, de tentativa e erro, de ver os outros fazendo, depende do contato com o outro para ir se aprimorando e se expandindo, então ele se dá dentro do contexto social em que o indivíduo está inserido. Sendo assim, parece claro que o sujeito que faz parte de um meio culturalmente mais rico, rodeado de pessoas fazendo os usos mais diversos da internet, terá maiores chances de aprender a utilizar essa ferramenta de forma mais ampla e culturalmente mais diversificada. Por outro lado, aquele sujeito que vive num ambiente em que as pessoas usam internet somente para redes sociais e jogos ou que nem sabem usar o computador terá menores chances de aprender a fazer um uso mais diversificado da rede.

Assim como os modos de ser e de viver são determinados em grande medida pela classe social em que o sujeito vive, pode-se esperar que o uso e as significações da internet também sejam determinados em grande parte pela classe social.

Ainda assim, em muitos momentos, as significações atribuídas pelas jovens à internet são as mesmas: “internet não gera solidão se houver equilíbrio”, “trabalho de escola é pela internet”, “estou consciente dos perigos”, “internet é a maior fonte de lazer”, “me abro mais pela internet”, “internet é a maior forma de contato com amigos”.

As jovens parecem usar a internet de forma orgânica, fazendo parte do seu cotidiano, sem tensão. Entretanto, esse uso apresenta diversas contradições, das quais ressaltamos algumas.

Ficam em constante contato com os amigos, mas ao mesmo tempo se isolam. Estar em contato com os amigos muito mais através da web do que pessoalmente é natural para essas jovens, é a forma de interação à qual estão acostumadas. Elas não parecem sentir falta

de mais encontros presenciais. Entretanto, percebem que existe o risco de se isolarem e que muitos amigos se isolam e ficam solitários.

Percebem um mundo mais amplo pela internet, sentem-se mais à vontade para falar de si pela web devido ao distanciamento, mas ao mesmo tempo têm medo de estranhos, da exposição, da invasão de privacidade e dos perigos desse mundo maior e desconhecido.

O grande sentido da internet é o lazer mas, ao mesmo tempo, é a principal ferramenta para o estudo. É a grande fonte de informação, entretanto desconfiam da veracidade e da qualidade dessas informações.

Em relação à desigualdade social, a sofisticação dos aparelhos e os diversos recursos possibilitam acesso e uso mais ampliado pela jovem que possui melhor condição socio-econômica, mas sem que seja tão significativa a diferença entre as adolescentes. Então a internet aproximaria? Reduziria desigualdades?

A partir da análise realizada neste trabalho, consideramos que a desigualdade social marca de certa forma a amplitude que se alcança com o uso das TIC, mas, ainda assim, há muitas semelhanças dos sentidos da internet para essas jovens e dos seus efeitos na subjetividade das mesmas. As diferenças não são tanto no sentido que a internet possui para essas jovens, mas nas possibilidades de uso que cada uma faz, reproduzindo os limites da classe social a que pertencem. Nesse sentido, a internet amplia a vivência de ambas, mas partindo de níveis diferentes e caracterizando processos também de níveis distintos.

Concluimos, a partir destas considerações, que o acesso às TIC pode ser considerado um fator importante para que a desigualdade social brasileira não se amplie ainda mais. E, finalizando, reforçamos a ideia já colocada de que a escola tem papel muito importante na tarefa de dar acesso e ensinar formas de uso das TIC que ampliem a participação social, cultural e política dos jovens, principalmente das classes mais baixas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: Contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, A. M. B. B., GONÇALVES, M. G. M., FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**, 3. ed., São Paulo: Cortez, 2007.

AGUIAR, W. M.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, 26 (2), 222-245, 2006.

AUN, M. P.; CÂMARA, M. A. A inserção social através de telecentros: notas de pesquisa. **Liinc em Revista**, 1(2), p. 134-147, 2005.

BOCK, A. M. B. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a Psicologia atual. **Psicologia para América Latina**, n. 1, fevereiro 2004.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. Vol. 11, n. 1, jan./jun., p. 63-76, 2007.

CAMPOS, A. et al. (orgs.). **Atlas da exclusão social no Brasil**, v. 2: dinâmica e manifestação territorial, São Paulo: Cortez Ed., 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

FILHO, J. F.; LEMOS, J. F. Imperativos de conduta juvenil no século XXI. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, 5(13), p. 11-25, 2008.

GOMES, C.; GONZÁLEZ REY, F. L. Psicologia e inclusão: aspectos subjetivos de um aluno portador de deficiência mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, jan./abr., v. 14, n. 1, p. 53-62, 2008.

GONÇALVES, M. G.; BOCK, A. M. Indivíduo-sociedade: Uma relação importante na Psicologia Social. Em Bock, A. M. (org.), **A perspectiva sócio-histórica na formação em Psicologia** (p. 41-99), São Paulo, SP: Vozes, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. L. **O social na psicologia e a psicologia no social**, Petrópolis: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade – os processos de construção da informação**, São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUIMARÃES, D. A. D. Interações sociais e novos padrões perceptivos na construção da subjetividade. **LOGOS 30 Tecnologias de Comunicação e Subjetividade**, Ano 16, 1º semestre, 2009.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, Rio de Janeiro: 2011.

LEMOS, A. Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. **Razón y Palabra**, n. 41, out./nov. 2004.

LEMOS, A. Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. Em Médola, A. S., Araújo, D., e Bruno, F. (orgs.), **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**, Porto Alegre, Sulina, 2007.

LÉVY, P. **Cibercultura**, 2. ed., São Paulo: Editora 34, 1999.

MORI, V. D.; GONZÁLEZ REY, F. L. Reflexões sobre o social e o individual na experiência do câncer. **Psicologia e Sociedade**, 23(n. esp.), 99-108, 2011.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Primeiros contornos de uma nova configuração psíquica. **Caderno Cedes**, Campinas, 25(65), p. 71-85, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 18(2), p. 193-202, 2002.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, jan./abr., 2008.

PASSARELLI, B., GUZZI, D., DIMANTAS, H.; KIYOMURA, J. Atores em Rede – Subjetividades e Desejos em Expansão Tecnologias de Comunicação e Subjetividade. **LOGOS 30 Tecnologias de Comunicação e Subjetividade**. Ano 16, 1º. semestre, 2009.

RÉGIS, F. Apresentação. **LOGOS 30 Tecnologias de Comunicação e Subjetividade**. Ano 16, 1º. semestre, 2009.

SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital – a miséria na era da informação**, São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2001.

SORJ, B., GUEDES, L. E. Exclusão digital: Problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. **Novos Estudos - CEBRAP**, 72, p. 101-117, 2005.

SOUZA, J. A Gramática social da Desigualdade brasileira. In: SOUZA, J. (org.). **A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira**, Belo Horizonte, UFMG, 2006.

WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate**, São Paulo: Senac, 2006.

Submetido em: 3-3-2015

Aceito em: 30-6-2016